

## **Território Quarta Colônia/RS: patrimônio cultural e gastronomia em foco<sup>1</sup>**

José Marcos Froehlich<sup>2</sup>; Paulo Roberto Dullius<sup>3</sup>; Rafaela Vendruscolo<sup>4</sup>

### **Resumo**

No contexto das sociedades contemporâneas, permeado por transformações advindas do processo de globalização, passou-se a conferir à diversidade cultural ampla valorização. Esse cenário tornou-se oportuno para estratégias de desenvolvimento que buscam potencializar seus recursos culturais, sociais e naturais, resultando na criação ou reconstrução da sua própria identidade. A experiência de nove municípios da região central do Rio Grande do Sul apresenta uma estratégia que resultou na construção social de um novo território, bem como na configuração de um novo espaço de interação social: a *Quarta Colônia*. O artigo busca abordar tal processo considerando a valorização do patrimônio cultural como elemento constitutivo da identidade do território e que, no caso em tela, procura enfatizar a gastronomia como potencial para as estratégias de reconhecimento e identificação territorial. Desta forma, a potencialidade gastronômica do território *Quarta Colônia* constitui o foco de análise tendo em vista a afirmação identitária e a possibilidade da produção de dispositivos de reconhecimento e proteção como as Indicações Geográficas.

Palavras-chaves: patrimônio cultural; identidade territorial; desenvolvimento territorial.

### **Territorio Cuarta Colonia/RS: patrimonio cultural y gastronomía en foco**

José Marcos Froehlich; Paulo Roberto Dullius; Rafaela Vendruscolo

### **Resumen**

En el contexto de las sociedades contemporáneas, asignado por transformaciones advenidas del proceso de globalización, se comienza a valorar mucho la diversidad cultural. Ese escenario se vuelve pertinente a las estrategias de desarrollo que buscan potenciar sus recursos culturales, sociales y naturales, resultando en la génesis o reconstrucción de su propia identidad. La experiencia de nueve municipios de la región central de Rio Grande do Sul presenta una estrategia que rindió la construcción social de un nuevo territorio, así como la configuración de un nuevo espacio de interacción social: la *Cuarta Colonia*. Este artículo busca plantear tal proceso, considerando la valoración del patrimonio cultural como

---

<sup>1</sup> Trabalho derivado do projeto de pesquisa *Identities e Desenvolvimento Territorial – Estudo prospectivo de potencialidades a partir da noção de Indicação Geográfica*, financiado pelo edital MCT/CNPq 15/2007-Universal e coordenado pelo professor José Marcos Froehlich (PPGExR-UFSM).

<sup>2</sup> Professor Dr. do Departamento e do Programa de Pós-graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria. E-Mail: jmarcos.froehlich@pq.cnpq.br

<sup>3</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Extensão Rural – UFSM – RS – Brasil.

<sup>4</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Extensão Rural – UFSM – RS – Brasil.

elemento constitutivo de la identidad del territorio y que, en este caso, procura dar énfasis a la gastronomía como potencial en las estrategias de reconocimiento e identificación territorial. Así, la potencialidad gastronómica del territorio *Cuarta Colonia* constituye el foco de análisis considerando la afirmación identitaria y la posibilidad de producción de mecanismos de reconocimiento y protección como las Indicaciones Geográficas.

Palabras-clave: patrimonio cultural; identidad territorial; desarrollo territorial.

## **1. Introdução**

A contemporaneidade, caracterizada pelo processo de massificação e homogeneização cultural, apresenta aspectos paradoxais de valorização das diversidades culturais e dos patrimônios naturais. As transformações referentes ao processo de globalização marcam um período de busca por um consumo diferenciado, de bens e serviços que expressem particularidades históricas, sociais, culturais e naturais. Ao encontro dessa tendência, locais caracterizados pela proximidade com a natureza, pelos saberes de uma população tradicional e pelos laços de solidariedade passaram a ser valorizados e optaram por potencializar seus recursos como estratégia de desenvolvimento.

Tal processo exprime a configuração de territorialidades a partir da criação ou reconstrução de uma identidade própria. Nesse sentido, a valorização do patrimônio cultural ou natural, torna-se elemento constitutivo do processo de construção identitária, pois os povos encontram no seu patrimônio, tanto tangível quanto intangível, os pontos de referência da sua identificação. Essas novas estratégias apontam a transformação dos recursos sociais, culturais e naturais em ativos tendo em vista que o patrimônio constitui um fator importante para a coesão social e conseqüente desenvolvimento.

Apostando nessas novas tendências do mercado consumidor, nove municípios da região central do Rio Grande do Sul reuniram-se em um consórcio de desenvolvimento. Na tentativa de construção de um território, observa-se um processo de valorização e preservação do patrimônio cultural e natural, material e imaterial. Como resgates de uma memória, em uma temporalidade construída, buscam na cultura étnica e na apropriação histórico-social do espaço os elementos constitutivos da identidade territorial. Por meio de uma reflexão teórica a partir das categorias de patrimônio, memória, identidade e territorialidade e apoiados na análise qualitativa de documentos, materiais de divulgação e através da observação

participante busca-se analisar a construção territorial da Quarta Colônia. Enfatizando a gastronomia local como patrimônio territorial busca-se problematizar a valorização e a transformação desse recurso em potencial ativo para estratégias de desenvolvimento, as quais têm como base os dispositivos de reconhecimento e identificação de um território.

## **2. Panorama contemporâneo: valorização da diversidade cultural**

Motivo de amplas discussões e teorias, a contemporaneidade é definida pelo processo de globalização e as conseqüentes transformações culturais, políticas e econômicas. O presente é caracterizado como um período de intensificação das relações sociais e de mudanças na relação espaço/tempo, um espaço dialógico de constantes trocas culturais e conseqüente homogeneização da sociedade rumo a uma unidade global (BAUMAN, 2005; CASTELLS, 2002; GIDDENS, 2002). Por outro lado, autores como Ianni (1997) revelam fenômenos aparentemente paradoxais advindos do processo de globalização, os quais apontam para a relação local-global, a valorização cultural e da natureza e a busca por um consumo diferenciado.

A globalização intensifica as relações sociais mundiais e constrói uma dinâmica local-global própria onde comunidades distantes se relacionam ao ponto de eventos locais serem influenciados por acontecimentos muito distantes, ou seja, os acontecimentos locais fazem parte e dão forma a globalização (GIDDENS, 2002). Característica dessa intensificação das trocas culturais, políticas e sociais, a sociedade de consumo é analisada sob os aspectos de um padrão cultural e de consumo homogeneizado. A mobilidade humana e a individualização provocada pelas transformações apontam para o aparecimento de sujeitos capazes de familiarizar-se, valorizando a diversidade e a multiplicidade cultural. Canclini (2006), ao analisar esse fenômeno, compreende a globalização como um processo de fracionamento articulado do mundo e conseqüente recomposição de suas partes. Sendo assim, o que ocorre não é simplesmente um processo de homogeneização, mas de um reordenamento das diferenças e desigualdades sem suprimi-las.

Compreendida sob a cultura do consumo, a sociedade num momento de crise de identidade (HALL, 2006) volta-se para o consumo como ponto de referência para sua identificação. Em um mundo de “não - lugares” (AUGÉ, 1994), o indivíduo

busca no consumo de bens e produtos culturais o pertencimento a um lugar, um grupo ou cultura. Assim, em contraposição aos padrões de consumo global baseado na praticidade, na rapidez e na obsolescência, surgem tendências que apontam um consumo diferenciado, uma valorização de padrões de vida ligados a proximidade com a natureza, de sociedades ditas tradicionais que cultivam costumes e práticas, que resgatam saberes e modos de vida ‘antigos’, bem como laços de solidariedade, características alheias a dinâmica da sociedade global. Portanto, apresenta-se como tendência atual, uma sociedade voltada para o consumo de bens materiais ou imateriais ligados a sensações do novo, do diferente, do consumo de simbologias, de interação e troca simbólica das culturas ou grupos.

A descontinuidade espaço-temporal do mundo globalizado cria um indivíduo carregado de incertezas e ansiedades. Aliado a isso, a dificuldade cada vez maior de lidar com a complexidade cultural desperta no sujeito a procura por um lugar de pertencimento, de busca por um sentimento de lar, de retorno ao passado mesmo que de natureza imaginária. A fragmentação do mundo contemporâneo<sup>5</sup> é expressa na fragmentação das identidades. A dicotomia local/global exprime um processo de crise de identidade em que o sujeito se torna capaz de mover-se entre grupos distintos, lidando com diversos símbolos que podem dar origem a diferentes identidades construídas e reconstruídas. Os indivíduos contemporâneos não pertencem mais a um só código cultural homogêneo e, portanto, não se definem mais por uma única identidade distintiva e coerente. Há, com isso, a possibilidade de construção de novas identidades a partir da coexistência de vários códigos simbólicos. Esse fenômeno da nova lógica cultural contemporânea define as identidades como híbridas, dúcteis e multiculturais (Canclini, 2006).

Assim, observa-se a ‘fuga’ aos padrões de uniformidade e modelação dos hábitos da sociedade contemporânea e o aparecimento (atomização) de tendências de valorização e busca por estilos de vida históricos e pitorescos, bem como espaços de pertencimento e rememoração. O indivíduo dito globalizado, com a quebra das fronteiras e as transformações da sociedade, torna-se cada vez mais individualista e, de uma forma contraditória, recorre à necessidade de pertencer a um local, a um território, a códigos simbólicos que referencie sua identificação. Dessa forma, a busca pelos chamados ‘localismos’ está cada vez mais presente na

---

<sup>5</sup> Mundo Pós-Moderno ou da Hipermodernidade.

sociedade de consumo que encontra na cultura de um povo ou local o sentido de pertencimento e identificação (FELDMAN-BIANCO & CAPINHA, 2000). Segundo Arantes, “a identidade consolida-se sobre um amálgama de sentimentos profundos que são vivenciados como referências pessoais e sociais fundamentais em termos de localização do ser no mundo” (2004, p.100).

### **3. Patrimônio cultural e identidade territorial: estratégias de desenvolvimento**

As tendências de valorização cultural e natural e de busca por um pertencimento abrem espaço para oportunidades de desenvolvimento ancoradas na valorização e preservação do patrimônio cultural e natural, tangível e intangível, de locais, territórios ou povos considerados ‘tradicionais’. A construção de territorialidades baseada na identificação com o espaço social e político edificado constitui uma estratégia de desenvolvimento apresentada por lugares considerados atrasados frente aos modelos ‘tradicionais’ de desenvolvimento. Sintomático disso constitui o aparecimento de novas modalidades de turismo que enfatizam a cultura e a natureza dos lugares visitados, o consumo de bens culturais diferenciados e de mercadorias com qualidade específica.

A construção de territorialidades está pautada na apropriação social, cultural e política do espaço, ou seja, os territórios são caracterizados pelo seu tecido social, as relações sociais, culturais, políticas e econômicas que dinamizam o espaço, valorizando os saberes, tradições e história do local (ABRAMOVAY, 2003; 2007). Estes processos de valorização das regiões rurais por sua cultura e pela natureza ganham dimensões promissoras na atualidade, contradizendo os vaticínios históricos de desaparecimento do rural e desconstruindo o significado de atraso que lhe foi atribuído nas visões da modernização conservadora, construindo novos sentidos para o desenvolvimento contemporâneo e novos papéis para os territórios rurais (FROEHLICH, 2002).

A territorialidade constitui uma construção social, um processo de negociação entre os diferentes sujeitos, internos e externos, incorporada pelo jogo de poder que resulta na configuração de uma identidade comum, territorial. O aproveitamento dos recursos locais e a mobilização dos atores exigem a valorização do patrimônio material e imaterial e, portanto, a construção de uma identidade local ou regional,

bem como a formação de laços de interação e solidariedade. Esse processo de mobilização do capital social<sup>6</sup> e de identificação com os recursos culturais e biofísicos define a construção do que se denomina um novo tipo de territorialidade, formada a partir da articulação de forças internas e externas. Portanto, a identificação dos atores locais com as características definidoras do território é essencial para a constituição de uma territorialidade.

O sentimento de pertencimento dos atores locais à identidade construída e a apropriação do espaço instituem laços de solidariedade. A identidade, portanto, é construída pela relação entre os sujeitos, com base em afinidades histórico-culturais, e pela negociação dos atores locais com a alteridade na delimitação de fronteiras simbólicas<sup>7</sup> que permitam a diferenciação e conseqüente identificação. As identidades são construídas socialmente nas interações sociais internas ou externas, nos laços estabelecidos pelos sujeitos nas situações cotidianas, formando círculos étnicos, territoriais ou de grupos que possuem elementos identificadores com significados comuns, seja num processo de afirmação ou distinção (RODRIGO, 1996). As redes de sociabilidade contemporâneas se formam cada vez mais em torno de teias de significados compartilhados pelos grupos e utilizados como distintivos. Com base nesse entendimento, ressalta-se que a identidade é construída no contato com a alteridade, num fenômeno de fricção seja interétnica, inter-grupal ou inter-territorial. A identidade deve ser compreendida em sua perspectiva relacional, como um laço de união interna e distintividade externa. O sistema de símbolos e significados representa o grupo que se reconhece e se distingue no contato com a alteridade (Oliveira, 2006).

A construção de um sistema simbólico comum, reconhecido por todos, é decorrente de um processo relacional entre identidade e memória. Assim como a identidade, a memória é uma construção social e é definida por sua temporalidade e descontinuidade. Como afirma Halbwachs (1990), a memória consiste em uma construção coletiva do passado no tempo presente, o que deve ser lembrado ou esquecido é definido e resignificado pelo grupo que rememora. O reconhecimento e identificação de um sistema simbólico, de manifestações culturais, saberes, práticas ou tradições, bem como de objetos ou edificações, por um grupo define a

---

<sup>6</sup> Para maiores compreensões sobre capital social ver Abramovay (2003).

<sup>7</sup> As fronteiras simbólicas expressam um traço da identidade, o sentimento de pertencimento a uma comunidade política que ocupa um território como seu (ALBAGLI, 2004, p.32).

patrimonialização. O patrimônio, portanto, mais do que um legado herdado do passado e transmitido as gerações futuras, constitui uma construção social, uma seleção no presente do legado que serão transmitidas as gerações futuras (SILVA, 2008). Diretamente relacionado à memória, considerada coletiva e seletiva, o patrimônio é a materialização dessa memória, uma idealização construída do que deve ou não ser transmitido às gerações futuras por um determinado grupo em um determinado período. Segundo Silva, “o elemento determinante que define o conceito de patrimônio é a sua capacidade de representar simbolicamente uma identidade” (2008, p. 01). Sendo assim, é por meio da reconstrução e transmissão dos códigos simbólicos que os sujeitos mantêm vínculos com o passado e, conseqüentemente, essa relação passado-presente que permeia a memória coletiva fornece elementos de identificação e reconhecimento dos indivíduos como iguais e distintos diante da alteridade.

A nossa memória coletiva, modelada pelo passar do tempo não é mais do que uma viagem através da história, revisitada e materializada no presente pelo legado material, símbolos particulares que reforçam o sentimento coletivo de identidade e que alimentam no ser humano a reconfortante sensação de permanência no tempo” (SILVA, 2008, p.02).

Esse passado reconstruído e recriado no presente pela memória coletiva exprime um sentido de identidade, de pertença e de segurança da continuidade temporal aos indivíduos. “Os objetos do passado proporcionam estabilidade, pois se o futuro é aquele destino essencialmente incerto e o presente aquele instante fugaz, a única certeza que o ser humano possui é a verdade irrefutável do passado” (SILVA, p. 02). No contexto contemporâneo, da sociedade de consumo apresentada no item anterior, os espaços de rememoração e reconstrução do passado constituem um refúgio aos sujeitos globalizados. Observam-se em todos os lugares, processos de preservação do patrimônio e reafirmação de identidades coletivas, os quais parecem representar reações em âmbito local aos efeitos globais (CASTELLS, 2006). Dessa forma, preservar o patrimônio revela-se uma forma de afirmar as singularidades locais.

Segundo Veiga (2003), a preservação do patrimônio tanto material quanto imaterial deixou de ser apenas um ato patriota, educacional ou estético e passou a constituir elemento de pauta nas discussões sobre estratégias de desenvolvimento. Atualmente, o patrimônio passa a ser entendido como uma oportunidade de

consumo produtivo e a preservação do patrimônio como uma ação da comunidade e não apenas dos órgãos governamentais. Assim, o envolvimento dos atores locais com o patrimônio material (natureza, edificações históricas, etc.) e imaterial (tradições locais, saberes artesanais e culinários, etc.) dá suporte para atividades que possam promover o desenvolvimento local (VEIGA, 2003).

#### **4. Quarta Colônia: Potencializando o desenvolvimento**

Vislumbrando as novas tendências do mercado consumidor, voltado para o consumo de bens e serviços com características singulares, nove municípios da região central do Rio Grande do Sul optaram por potencializar seus recursos naturais, sociais e culturais como estratégia de desenvolvimento. Ancorado em uma perspectiva relacional, a valorização do patrimônio natural e cultural, tangível e intangível possibilitou a construção de uma identidade territorial e o fortalecimento do capital social, elementos constitutivos de uma dinâmica territorial própria.

No sentido de aproveitamento das novas estruturas de oportunidades promovidas pela lógica cultural contemporânea<sup>8</sup> que enfatizam as potencialidades específicas de um local em relação ao global, a construção do território *Quarta Colônia* constitui uma experiência importante. Através do *Projeto de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia do RS* – PRODESUS, nove municípios da região do COREDE centro do RS (Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Pinhal Grande, São João do Polêsine, Ivorá, Silveira Martins, Nova Palma, Agudo e Restinga Seca) reuniram-se em um consórcio<sup>9</sup> que visualizava a preservação e potencialização dos recursos naturais e culturais da região<sup>10</sup>.

Seguindo seus objetivos, o PRODESUS desenvolveu ao longo da última década atividades de Educação Ambiental e Patrimonial, resgate da memória

---

<sup>8</sup> Ver Froehlich (2002).

<sup>9</sup> O CONDESUS (Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia) foi fundado a partir do aproveitamento das oportunidades de financiamento a fundo perdido de projetos que tiveram como foco a questão ambiental e o ‘desenvolvimento sustentável’, tendo a reconhecida ‘reserva da Biosfera’ da Mata Atlântica em significativas parcelas do seu território, o qual gerencia o PRODESUS.

<sup>10</sup> Os primeiros sete municípios citados constituem o que historicamente configurou-se como Quarto Núcleo Colonial de Imigração Italiana (Quarta Colônia Imperial de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul), constituída ao longo do ano de 1978, que recebeu imigrantes italianos de diversas regiões do norte da Itália, principalmente da região Vêneta. A configuração do território *Quarta Colônia*, a partir do CONDESUS (Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia – RS), abarcou os municípios de Restinga Seca e Agudo, onde a colonização de seu com o predomínio da etnia alemã, embora hajam família da etnia italiana bem como africana e portuguesa, em virtude da sua estratégica proximidade geográfica e agroecológica com os outros municípios. Para maiores detalhes sobre a história e colonização da Quarta Colônia Imperial de Imigração Italiana no RS ver Sponchiado(1996) e Righi *et alii* (2001).

cultural dos colonizadores, técnicas e práticas para o desenvolvimento de uma agricultura com bases 'ecológicas' e 'sustentáveis', bem como procurou promover discussões e implementações de turismo rural, cultural e ecológico na região. Assim, vislumbrando as potencialidades de uma região de relevo acidentado com base na produção familiar, estagnada frente aos padrões tecnicista da chamada agricultura tradicional, o Consórcio procurou investir na valorização do patrimônio natural e cultural como potenciais para um desenvolvimento sustentável.

Como ponto fundamental desse projeto destaca-se a construção e consolidação de uma identidade territorial tendo como foco as relações históricas de pertencimento étnico e as trocas culturais. A configuração geopolítica do território recentemente construído indica um resquício da colonização alemã e, principalmente, italiana. A diversidade de saberes, costumes e práticas historicamente configurados revelam um patrimônio imaterial antes desvalorizado diante da cultura urbano-industrial. A valorização do patrimônio cultural, material ou imaterial, ancorado nas distinções étnicas ascende um processo positivo de reconhecimento dos atores locais com uma configuração territorial multiétnica. A valorização da história e da cultura local potencializou um sentimento de pertença dos sujeitos locais com seus costumes e tradições advindas de um processo de colonização, como resquício de uma identificação com o local de origem comum, e das trocas culturais entre as etnias.

O sentimento de regionalidade projetado, tanto externa quanto internamente no território, passou a ser uma referência motivadora para os moradores locais, e passaram a afirmar-se enquanto grupo baseando-se, ao mesmo tempo, em uma origem histórica etno-cultural e no pertencimento a um território diferenciado (FROEHLICH, 2002). Dessa forma, destaca-se a contribuição dessa afirmação identitária para o aumento da auto-estima de uma população estigmatizada sob negativas caracterizações da vida colonial ou rural. Por outro lado, a potencialização desses recursos, diante do mercado consumidor analisado anteriormente, desvenda uma dinâmica econômica própria a partir da potencialização dos recursos como alternativas de renda para os agricultores familiares.

(...) Então, o fascinante é esse processo de articulação de costura dessa rede, que pra mim é a coisa mais fantástica que ocorreu na Quarta Colônia e até o nome porque hoje nós identificamos como Quarta Colônia, até o nome, porque antes nós chamávamos Faxinal, Dona Francisca,

Nova Palma; que, na verdade, se tu olhares na história, nós, descendentes de portugueses, quando chegaram os italianos aqui, nós olhamos, eram italianos, mas eles não se viam como italianos, eu era padovano, trevisano, friulano, enfim, era um pedacinho da Itália que tava em processo de construção de um estado unitário e nós, brasileiros, que, pela primeira vez, chamamos os italianos de italianos. E, então, essa leitura de Quarta Colônia nós também fizemos, mas eles não se sentiam Quarta Colônia, se sentiam que fizeram parte da imigração e estavam organizados pelo Império como Quarta Colônia no estado; então, hoje não, eu sou da Quarta Colônia, aquelas vergonhas do local de origem, hoje segue como um elemento de afirmação. (...) O de Ivorá segue sendo de Ivorá e, quando ele coloca Quarta Colônia, o de Ivorá está junto, se ele tem um certo envergonhamento em relação ao seu pequeno local de nascimento ou de cotidiano de vida, ao falar Quarta Colônia, dá um significado importante ao ambiente, porque é um conjunto de municípios de origem italiana e no qual ele é de Ivorá. Isso foi um dos elementos mais importantes, nisto, é a possibilidade de começar a reivindicar coisas locais, com sentido de regionalidade (...). O papel mais fantástico do PODESUS foi de não só projetar para fora o sentimento de regionalidade como articular internamente o sentido de regionalidade. (J.I. – Ex-coordenador executivo do PRODESUS) (FROELICH, 2002).

O depoimento revela a importância da projeção de uma identidade comum para o fortalecimento de uma territorialidade. A identificação dos atores locais com as características matérias e imateriais construídas e reconstruídas ao longo das trocas culturais e com o meio ambiente revelam a apropriação simbólica e espacial do território. As negociações identitárias são dinâmicas nesse ambiente de diversos e diferentes espaços sociais, permeados por relações sociais distintas. Ancorados nas histórias passadas, na cultura dos povos ou na diversidade étnica, o território constitui um universo privilegiado para a invenção de tradições e a consolidação de costumes, assim como, para o contato entre os diversos valores que estabelecem uma linguagem simbólica no compartilhamento das culturas, fazendo fluir novos símbolos e valores.

Compreendo, a partir de Barth (2000), a questão da identidade étnica como o sentimento de pertencimento a uma determinada etnia. Essa identidade é expressa numa relação em que características, denominadas sinais diacríticos, são atribuídas e reconhecidas pelos membros do grupo, tornando-se símbolos. Da mesma forma, outros grupos podem atribuir ou criar sinais diacríticos para diferenciá-los.<sup>11</sup> Esses símbolos podem ser reais ou imaginários, assim como, mutáveis. É importante destacar, da mesma forma que Barth (2000), a identidade como manutenção de fronteiras, pois ela aparece nas relações de troca estabelecidas entre dois ou mais

---

<sup>11</sup> Barth relatou que, para definir uma etnia, é preciso reconhecer as fronteiras estabelecidas na interação entre os grupos a partir de códigos comuns (1998).

grupos. No caso analisado, as negociações identitárias delimitam fronteiras ora étnicas, ora municipais e ainda territoriais. Grupos distintos, nas negociações que estabelecem nesse ambiente, constroem suas identidades e delimitam fronteiras. Partindo de mitos, costumes, crenças, modos de ser e de fazer, assim como, de histórias contadas de geração para geração os grupos negociam suas identidades num processo de afirmação do 'nós' diante do 'outro'.

São esses elementos diários que são tomados como elementos identificadores de cada etnia e que são negociados formando um código simbólico comum compartilhado por todos os atores locais que os unem e os distinguem dos sujeitos 'de fora' do território. O reconhecimento dos costumes e crenças dos antigos colonizadores, passados e recriados ao longo das gerações, é o que caracteriza o pertencimento a *Quarta Colônia*, tendo no "modo de fazer dos antigos" as principais referências que distinguem o pertencimento ao grupo.

Assim, nas diferentes relações sociais estabelecidas pelos sujeitos ou etnias, o sentimento de pertencimento regional identifica e distingue os moradores da *Quarta Colônia* diante da alteridade externa, delimitando as fronteiras territoriais simbólicas e espaciais. Internamente, observa-se a distinção e afirmação étnica ou municipal, expondo na diversidade cultural a caracterização do território *Quarta Colônia*. Entretanto, na recepção aos visitantes, construía-se um sentimento de pertencimento ao território, a combinação dos costumes, crenças, maneiras de ser e de fazer características das etnias que compuseram a *Quarta Colônia*, a identificação com uma história peculiar de origem do local a partir do encontro dessas culturas. Dessa forma, identidades múltiplas são formadas nos espaços de sociabilidade possibilitadas pelas diferentes fronteiras e trocas culturais que se estabelecem.

Essa diversidade cultural e natural, de saberes, práticas e tradições constituem, portanto, o patrimônio material e imaterial dessa região, resgatado e valorizado nos processos de afirmação identitária. A construção de uma identidade territorial não seria possível sem a preservação e valoração dos costumes, saberes, tradições, bem como, da arquitetura e das belezas naturais. São esses elementos que servem como referência para a identificação dos atores locais e que podem ser potencializados enquanto recursos ativos para a promoção do desenvolvimento territorial.

Como uma das alternativas potencializadas pelo PRODESUS verifica-se o incentivo e promoção do turismo rural, ecológico, religioso, gastronômico, dentre outras modalidades. Observa-se, por exemplo, tentativas de preservação da arquitetura ‘colonial’ da região, em projetos de restauração salvaguarda de casas, igrejas, museus que representam e rememoram o passado, o ‘mundo dos antigos’, os quais referenciam a identificação local. De acordo com Halbwachs, os aspectos dos lugares contribuem para a memória coletiva, pois não há memória que “não se desenvolva num quadro espacial” (1990, p.143). Assim, as casas típicas, os museus, os monumentos formam um recorte da sociedade local de um tempo passado que ficou marcado nas “pedras da cidade” (Halbwachs, 1990, p.134), pois os modos de ser e de fazer dos antigos ficaram registrados no espaço material. É interessante ressaltar que, ao vermos os costumes e tradições expostas num espaço material ou imaterial, identificamos aspectos comuns em nossa vida e percebemos a origem dos nossos modos de ser, sentir e fazer.

A paisagem preservada ou transformada pela ação do homem constitui, portanto, um sítio de lembranças, o reviver um passado que remete aos mitos civilizadores e desbravadores reivindicados pelos descendentes. Baseando-se nas concepções de Zanini, para quem a casa “igualmente volta a ser lugar de aconchego, de devaneio, no qual as raízes têm lugar. Ela representa, através dos objetos nela expostos, um universo de referência e valor” (2006, p.190), pode-se perceber a *Quarta Colônia* como um ambiente caseiro, um pedacinho da Itália ou Alemanha em solo brasileiro.

A recriação dos costumes desses países torna-se, portanto, um atrativo a uma diversidade de consumidores que buscam as diferentes especificidades desse local. Dessa forma, Essa dimensão material e cultural tem sido articulada economicamente pelo CONDESUS, diversificando os produtos turísticos da Quarta Colônia e ampliando o fluxo turístico para a região.

Aumentou muito os grupos na região, eu te dou um exemplo bem concreto, em Dona Francisca, aumentou uns 100 grupos, que eles passaram por Faxinal, por Silveira ou eles passaram por Ivorá, Nova Palma, então tão girando na região, ou chegam de tarde ou de manhã, almoçam aqui, ali. Aumentou bastante. Inclusive, desde o ano passado, a gente vem conseguindo trabalhar e esse ano a gente começou a trazer grupos que entravam diretamente em Caxias e que não vinham para a nossa região, italianos da Itália, começando pela nossa região, conseguimos trazer dois grupos esse ano. E as respostas tem sido fantásticas. E aqui a gente tá trabalhando num programa de turismo de trocas de afetividade, não é trocas de produtos, não é de vendas e comercialização e não é

aquele turismo observativo, que tu vai ver a paisagem, os prédios, coisa assim, mas é basicamente, os italianos descobrem que os italianos daqui são de lá, que tem toda uma história aqui que eles desconhecem, que eles tem uma quantidade de vínculos, que eles falam um dialeto, muito mais rústico, muito mais atravessado, que eles guardam palavras que os italianos de lá esqueceram e aqui elas são 'clicadas' e trazem uma quantidade de experiências próprias deles, então tem tido uma resposta muito interessante, tá levando a uma articulação nova nos municípios, nós temos trabalhado um roteiro muito interessante que começa sempre com Silveira Martins que é o ponto histórico de chegada, eles vão à Ivorá, recebidos pela comunidade, participa a comunidade toda, na recepção, no outro dia fazem Polêsine, Dona Francisca, tão entrando em Restinga Seca, por exemplo, entra no CONDESUS; em Restinga Seca, nos mostra uma interface interessante que é o português, que é a grande propriedade, a cultura do gado, o pessoal recebia pilchado, com a comida campeira, os italianos ficaram loucos, nunca viram tanta terra na vida deles e depois eles vão para Dona Francisca, Nova Palma, vão para o meio rural, todas as atividades são pagas pelos italianos, tá dentro do programa visitas, então esses programas tão tendo resultados(...) (J. I. – Ex- Coordenador do PRODESUS). (FROEHLICH, 2002).

O depoimento expressa a potencialidade e a singularidade do local diante das possibilidades de turismo do mercado consumidor. O ato de rememorar ocorre numa situação de encontro, através de um narrador, de um ouvinte e de um espaço<sup>12</sup>. Essa situação possibilita a reelaboração e reconstrução de um tempo passado no tempo presente. Um tempo descontínuo, mas que, por meio da sobreposição de fatos independentes e intervalos, determina o aspecto contínuo.<sup>13</sup> Assim, o contato de grupos diferentes, ao mesmo tempo, reivindicam uma origem comum e se reconhecem por meio de um sistema simbólico de um tempo passado, compartilhado e reconstruído num tempo presente. O cenário que remete aos tempos antigos, a maneira de fazer dos antigos tornam assim patrimônio material desse povo identificando-os como pertencentes aquela cultura e território. As tradições e histórias dos italianos e alemães, apesar de ainda estarem presentes na vida de muitos habitantes de forma diluída ou interiorizada em alguns grupos, são evocadas como “negociação enquanto uma estratégia de manutenção da distintividade” (Santos, 2004, p. 01), assim como são lembradas e recontadas para a conservação da cultura local e ressignificados para a valorização e promoção do território.

Em uma experiência de recebimento de turistas italianos na Quarta Colônia o então secretário executivo do CONDESUS expõe o contato entre os grupos e o

---

<sup>12</sup> Segundo Halbwachs (1990, p.26), “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós”.

<sup>13</sup> Segundo Bachelard (1994, p.87), o tempo “só aparece como contínuo graças à superposição de muitos tempos independentes” (apud Zanini, 2006, p.30).

reconhecimento dos códigos simbólicos compartilhados nesse espaço, bem como, exprime a importância do patrimônio material e imaterial para a identificação dos locais.

Dessa primeira experiência, e que tem se repetido em tantas outras, gostaria de resgatar dois momentos. O primeiro foi durante uma visita a uma velha casa em Dona Francisca, na localidade de Trombudo, e que para mim é um dos prédios mais interessantes da arquitetura colonial “*taliana*” do Rio Grande do Sul. A dona da casa, a sua forma de ser, de vestir e de falar, as paredes da casa, seus adornos, ambientes, a organização do pátio, os instrumentos de trabalho, etc., tinham similitudes com as residências rurais vênetas de antes e depois da Grande Guerra. Não era um encenação, mas uma realidade que tinha muito da infância dos nossos visitantes. O grupo encontrou aqui, na América do Sul, o que eles buscavam na Itália e tudo isso era como as torrentes que baixam dos Dolomites durante a primavera e trazem as sensações, os cheiros, os rostos que se transformavam em palavras emocionadas. Com esse sentir a língua-mãe carregada pela intensidade daquele momento surgia grave, da raiz, do pé, da infância e se manifestava robusta energizando o corpo inteiro. “*Essa experiência não há dinheiro que pague*”, dizia o senhor Valentino Collavino, friulano de nascimento e construtor de profissão (José Itaquí, Caderno Quarta Colônia, nº 28, 09/02/2007).

Essa reflexão publicada no *Caderno Quarta Colônia*, fascículo semanal do Diário de Santa Maria, expõe uma experiência de contato cultural de turistas nascidos na Itália e que haviam migrado para o Canadá por volta da década de 50<sup>14</sup>. O contato com a arquitetura colonial, com as pessoas impregnadas de uma maneira de ser características, bem como com o dialeto e as paisagens naturais revelaram-se um cenário de lembranças e memórias de um passado, numa relação nostálgica com os tempos antigos, com um local deixado para traz na busca por melhores condições de vida na América.

Os italianos viram aqui (Quarta Colônia) uma Itália que não existe mais. Eles sentiram os aromas da cozinha vêneta, conversaram o dialeto e encontraram os sorrisos do povo vêneta – comenta Giorgio Fornasier, que esteve pela primeira vez no Brasil em 1979e, vinte anos mais tarde conheceu a Quarta Colônia. (...) Grande conhecedor dos locais que abrigaram os imigrantes italianos, Fornasier reforça que a Quarta Colônia

---

<sup>14</sup> “Nos dois extremos da América, em tempos diferentes, mas repetindo a mesma e dolorosa história, os italianos de lá e os descendentes daqui tinham muito em comum e não era somente a origem, mas o fato de serem trabalhadores e descendentes de trabalhadores que imigraram para ‘*far la mérica*’. A diferença entre as pátrias de adoção foi sendo determinada pelas condições sociais e econômicas de ambos os países, o que permitiu que os de lá tivessem encontrado aqui muitas coisas que não encontraram na terra natal. Referências que os daqui carregam não por consciência de ser , mas devido as adversidades sociais e econômicas e, até mesmo culturais do Brasil que estamos construindo. Essas experiências necessitam ser absorvidas e entendidas nas trocas, nas relações em que o econômico não é o mais importantes” ((José Itaquí, Caderno Quarta Colônia, nº 28, 09/02/2007).

é a região mais fiel às tradições vênetas (Repotagem “um pedacinho da Itália” publicada no Caderno Quarta Colônia, nº27, 02/02/2007).

Essas relações de troca têm projetado a *Quarta Colônia* num cenário mundial, destacando-se não apenas pelo seu patrimônio material ou natural na preservação da arquitetura colonial e na preservação ambiental, também muito importante para a promoção do território, mas, principalmente pelo patrimônio imaterial expresso nas relações sociais e culturais, nos saberes, práticas e tradições de um povo que cultiva aspectos étnicos italianos e alemães recriados e ressignificados ao longo do tempo. Como expresso anteriormente, estes aspectos podem ser caracterizados como singulares no turismo regional da Quarta Colônia, podendo ser potencializado como distintivo frente às modalidades de turismo espalhadas pelo mundo. Nessas falas publicadas no jornal, destacam-se também a caracterização de um público consumidor desse território. Uma parcela ainda pequena de visitantes que buscam na região a identificação com um passado, as lembranças de um modo de ser esquecido ao longo das transformações culturais da era global.

## **5. Patrimônio Gastronômico: distintivos de reconhecimento**

A alimentação constitui um ato simbólico, permeado por valores culturais de cada grupo. As populações que emigram levam consigo a cozinha característica da região de origem. Entretanto, devido à diferenciação dos contextos físicos, sociais e geográficos do lugar de destino, esses hábitos culinários seguem caminhos diversos. Ou seja, ao saírem de seu país de origem, os imigrantes carregaram consigo costumes, hábitos e tradições alimentares<sup>15</sup>, criadas num ambiente social e físico que pode não se adaptar, completamente, ao novo lugar. A culinária, dessa forma, pode expressar aspectos culturais, sociais e econômicos, bem como, histórico sendo o ato de alimentar-se entendido aqui como um ritual.

A comida envolve uma ação ritualística tanto no seu cultivo, no seu preparo ou no seu consumo, estabelecendo relações com a memória e com os sentimentos (MACIEL, 2001). A reverência à culinária local, caracterizada por saberes étnicos ou

---

<sup>15</sup> Um conjunto de práticas ligadas àquilo que Bourdieu denomina de *habitus*. “O elemento de intermediação entre a estrutura social e a prática dos agentes. Definindo como um sistema socialmente constituído de disposições, tendências e matrizes de percepções, ele é concebido como o produto da interiorização das estruturas objetivas. Ao mesmo tempo, enquanto princípio que produz e confere sentido às práticas características de um grupo de agentes, o *habitus* tenderá a reproduzir as estruturas externas das quais é, em última instância, o produto” (apud Silva, 2003, p.02).

rurais trabalha com a rememoração do passado, remetendo a lembranças da infância ou trabalhando com sentimentos de família. De forma recorrente deparamo-nos com expressões do tipo 'comida caseira', 'comida típica', ou caracterizados pela expressão 'colonial' que identificam um sabor especial, carregado de significado e história. Como uma materialização da cultura, a gastronomia apresenta-se como um sinal diacrítico seja de uma etnia, município, território, região ou país. Ligado a uma rede de significados, a culinária ou os pratos específico assinalam e tornam reconhecidos territórios em todo o mundo, assinalados como peculiares do local, identificando-o. Com maior tradição nos territórios europeus, as identificações gastronômicas permitem que cada país, região ou grupo assinale sua distinção.

A gastronomia é apresentada como elemento identificador do território Quarta Colônia, que justamente busca tornar-se (re)conhecido por meio dos pratos elaborados a partir de saberes e modos de fazer herdados dos antepassados e guardados na coletiva. A caracterização étnica aparece fortemente reivindicada na apresentação gastronômica da Quarta Colônia. O reconhecimento da diversidade de saberes e modos de fazer resgatados da memória dos antepassados colonizadores exprimem a configuração da identidade territorial.

Há muitas formas de conhecer um povo e sua cultura. Entre as mais prazerosas e marcantes encontra-se a gastronomia. A Quarta Colônia é rica em sua culinária com pratos típicos que assumem forma de relíquias herdadas de gerações. Na culinária alemã, temos o famoso Mehrbeltheich (torta doce); na italiana, a sopa de agnoline, salame, fortaia, grostoli, polenta brustulada, radicci e o cren (tempero de raiz forte); na culinária afro, teremos o gostoso pão de milho; na culinária portuguesa, os sonhos e quindins; na culinária campeira, o churrasco, feijão tropeiro, a rabada. Uma inebriante sensação de felicidade. Use os sentidos visão, tato, olfato e paladar, para aproveitar cada pedaço da gastronomia das diversas etnias da região (Folder de divulgação da Gastronomia da Quarta Colônia).

O texto apresentado na divulgação da gastronomia territorial expressa um sentimento nostálgico de apreciação das 'relíquias' culinárias, de valorização de um saber fazer ancorado na tipicidade ancestral. Os pratos apresentados remetem às quatro etnias que compõem o território, bem como a etnia gaúcha. A configuração da culinária divulgada no folder reconhece a gastronomia, elemento identificador étnico ou territorial, pela sua diversidade étnica, exemplificando a afirmação identitária. Ou seja, a diversidade gastronômica ancorada em hábitos e práticas de diversas etnias expressa a elaboração de uma identidade comum a partir do

reconhecimento de sistemas simbólicos diversos que se confrontam, formatando uma identificação territorial.

Remetida a partir de suas belezas patrimoniais naturais e culturais, a marcação étnica alemã, italiana, africana e portuguesa são reforçadas a cada divulgação ou menção ao território Quarta Colônia. A formatação identitária territorial exprime um conjunto de signos e significados negociados no processo de fricção interétnica e reconhecido como parte do território. Externamente ele se confronta com o 'outro' apresentando variadas opções de gastronomia e lazer, sendo diferenciado pela amplitude étnica. Internamente, as etnias ou/e municípios confrontam suas identidades de acordo com as relações que se estabelecem, reivindicando sinais diacríticos baseados na origem comum, na ancestralidade, em uma tipicidade que pode ser caracterizada como difusa. Ou seja, as reivindicações gastronômicas da Quarta Colônia recorrem apenas às distinções étnicas, sem caracterizar uma tipicidade singular decorrentes de um modo de fazer peculiar ou de uma característica biofísica do território.

O patrimônio gastronômico constitui um dos principais atrativos da Quarta Colônia. Os saberes, práticas e modos de fazer dos antigos colonizadores estão materializados nos pratos e produtos agroalimentares típicos do território. Partindo da idéia de Silva (2003), a culinária ou a alimentação consiste no item da cultura que persiste por mais tempo nos hábitos e na memória dos imigrantes. Dessa forma, a gastronomia e o sistema simbólico que ela envolve constituem um elemento identificador cultural, étnico ou territorial. No caso analisado, o patrimônio gastronômico, enquanto representação simbólica da identidade<sup>16</sup> constitui um recurso importante para a consolidação do território Quarta Colônia.

Enfatizando a gastronomia, os saberes, as práticas e modos de fazer como patrimônio de um povo, etnia ou território, destacam-se dispositivos de reconhecimento desses saberes e práticas: as indicações Geográficas. A caracterização do patrimônio gastronômico pelas suas especificidades e singularidades advindas de um modo de fazer próprio e de aspectos físicos do território torna-se uma importante estratégia de valorização dos produtos locais tornando-os mais competitivos frente ao mercado consumidor atual. Assim, a reivindicação de uma tipicidade singular em detrimento da tipicidade difusa,

---

<sup>16</sup> Ver Bourdieu (2005).

reivindicada pela maioria dos territórios, pode ser reconhecida mediante dispositivos como as Indicações Geográficas. As Denominações de Origem ou as Indicações de Procedência<sup>17</sup>, muito presente nos territórios europeus, constituem um modo de valorizar e preservar o patrimônio gastronômico de um local. Esta pode ser uma estratégia de potencialização dos produtos do território *Quarta Colônia* com a reivindicação e o reconhecimento de produtos 'típicos' do local.

## **6. Considerações finais**

As estratégias de desenvolvimento ancoradas em construções e consolidações de territorialidades vão ao encontro das novas oportunidades globais. A edificação de uma identidade territorial a partir da construção e consolidação de uma memória coletiva expõe um processo de valorização dos patrimônios naturais e culturais como potencialidades. Dentre outras experiências, a realizada na região central do Rio Grande do Sul abarca nove municípios em um consórcio (CONDESUS), organizado de forma a promover a valorização dos ativos naturais e culturais do território Quarta Colônia. A própria construção desta territorialidade formou-se tendo a história, as culturas étnicas e o patrimônio natural como substrato e horizonte de ações estratégicas de desenvolvimento territorial.

A diversidade cultural e natural, de saberes, práticas e tradições de caráter etno-cultural constitui, portanto, o patrimônio material e imaterial dessa região, resgatado e valorizado nos processos de afirmação identitária. A construção de uma identidade territorial não seria possível sem a preservação e valoração dos costumes, saberes, tradições, bem como, da arquitetura colonial e das belezas naturais. São esses elementos que servem como referência para a identificação dos atores locais e que podem ser potencializados enquanto recursos ativos para a promoção do desenvolvimento territorial.

---

<sup>17</sup> A Indicação de Procedência consiste no nome geográfico dado ao território que se tornou conhecido como centro de extração, produção ou fabricação de determinado produto ou prestação de serviço. No que tange a Denominação de Origem, distingue-se por ser o nome geográfico dado a um território em virtude da qualidade ou característica dos produtos ou serviços, exclusiva ao meio geográfico, fatores naturais ou humanos do território. Assim, a diferença singular entre as formas de Indicação está associada às características e peculiaridades físicas e humanas potencializadas pelo território que podem designar uma Denominação de Origem, enquanto que para a Indicação de Procedência é suficiente a vinculação do produto ou serviço a um espaço geográfico, independente de suas características e qualidades intrínsecas (LAGARES, LAGES, BRAGA, 2006).

O patrimônio gastronômico constitui um importante elemento de representação simbólica da identidade do território *Quarta Colônia*. O sistema simbólico que a gastronomia referencia representa as tradições, costumes práticas de uma sociedade formada a partir das trocas culturais étnicas e com o ambiente. Assim, como rememoração e resignificação da memória coletiva 'dos antigos' os produtos locais são reivindicados pelos atores por meio de uma tipicidade étnica colonial em contraposição as tendências de busca da sociedade de consumo por singularidades. Assim, como referência territorial, a gastronomia local é reivindicada por meio de uma tipicidade difusa em detrimento de tipicidades singulares que podem ser reconhecidas mediante dispositivos como Indicações Geográficas, as quais são amplamente difundidas nos territórios europeus desempenhando papel fundamental para o desenvolvimento regional.

## 7. Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, R. **O Futuro das regiões Rurais**. Porto alegre: Editora da UFRGS, 2003.

\_\_\_\_\_. Para uma teoria dos estudos territoriais. In: ORTEGA, A.C.; Almeida Filho, N.(Orgs.). **Desenvolvimento territorial, segurança alimentar e economia solidária**. Campinas: Ed. Alínea, 2007.

ALBAGLI, S. Território e territorialidade. In: LAGES, V., BRAGA, C., MORELLI, G (Orgs). **Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Brasília: SEBRAE, 2004.

ARANTES, A.A. Cultura e territorialidade em políticas sociais. In: LAGES, V., BRAGA, C., MORELLI, G (Orgs). **Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Brasília: SEBRAE, 2004.

AUGÉ, M. **Não- lugares**. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BARTH, F. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 8º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 6ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.

CASTELLS, M. **O poder da identidade** – (A era da informação: economia sociedade e cultura). V.02. 5 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.

FELDMAN-BIANCO, B.; CAPINHA, G. (Org.). **Identidades: estudos de cultura e poder**. São Paulo: Hucitec, 2000. 175 p.

FROELICH, J. M. **Rural e Natureza – a construção social do rural contemporâneo na região central do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: CPDA/UFRJ (tese de doutorado), 2002.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

HALBWACHS, M.. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IANNI, O. **A era do globalismo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

LAGARES, L; LAGES, V e BRAGA, C. **Valorização de Produtos com Diferencial de qualidade e identidade: Indicações geográficas e certificações para competitividade nos negócios**. Brasília: SEBRAE, 2006.

OLIVEIRA, R.C. **Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo**. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Paralelo 15, 2006.

RODRIGO, I. **Identidades sociais e agriculturas familiares**. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Estudos Rurais, 1996.

SANTOS, M. O. **Bendito é o fruto: Festa da uva e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos de Caxias do Sul – RS**. PPGAS. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

SILVA, E.P. Patrimônio e identidade. Os desafios do turismo cultural. In: Textos de antropologia urbana – **Os urbanistas** (Revista digital). [www.aguaforte.com/antropologia](http://www.aguaforte.com/antropologia). São Paulo, 2008.

VEIGA, E. J. **Cidades Imaginárias: O Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas: Autores Associados, 2003.

ZANINI, M. C. C. **Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2006.